



**METÁFORAS NA FALA DE REMANESCENTES DE QUILOMBOS DO VALE DO GUAPORÉ: UM ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL**

Reginilson dos Santos Teixeira<sup>1</sup>  
Auxiliadora dos Santos Pinto<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho apresenta, a partir do registro de histórias orais de vida e de reconstituição de memórias, uma descrição e análise das metáforas ou expressões metafóricas identificadas na fala dos remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé, residentes no município de Guajará-Mirim/RO. Dentre os principais aspectos da pesquisa, enfatizamos a aplicação, o contexto do registro, os sentidos atribuídos pelos entrevistados e as funções de uso das metáforas identificadas. Assim sendo, o estudo demonstra como essas metáforas se constituem como marcas identitárias culturais desses sujeitos guaporenses.

**Palavras-chave:** História Oral, memória, metáfora, Vale do Guaporé, marcas identitárias.

**RESUMEN:** Este artículo presenta, a partir de registro de historias orales de vida y recuperación de memorias, una descripción y análisis de metáforas o expresiones metafóricas en el hablar de remaneciente de quilombos del Valle del Guapore que residen en la ciudad de Guajará-Mirim/RO. Entre los principales aspectos de la investigación, enfatizamos la aplicación, el contexto del registro, el significado atribuido por los entrevistados y las funciones de uso de metáforas encontradas. Por lo tanto, el estudio demuestra cómo estas metáforas se constituyen como señas de identidad culturales de estos sujetos guaporenses.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras e Respectivas Literaturas. UNIR – Universidade Federal de Rondônia. DACL – Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem. Guajará-Mirim – RO – BRASIL. 76.850-000 – reggys\_santos@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras, Mestre em Linguística. UNIR – Universidade Federal de Rondônia. DACL – Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem. Guajará-Mirim – RO – BRASIL. 76.850-000 – auxipinto@hotmail.com.



Palabras clave: Historia Oral, Memoria, metáfora, Valle del Guapore, marcas de identidad.

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade do Vale do Guaporé foi constituída em um cenário pluriétnico singular, conseqüente do processo de miscigenação ocorrido entre os habitantes que o colonizaram, isto é, indígenas, negros africanos, nordestinos, europeus e outros. Em decorrência disso, essa região apresenta, particularmente, um ecossistema multicultural e plurilinguístico<sup>3</sup>. Assim, com base nestes fatos históricos, nosso objetivo é descrever e analisar, a partir do registro de histórias orais de vida e da reconstituição de memórias, metáforas evidenciadas na fala de remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé.

Nesse sentido, entendemos que as expressões metafóricas constituem um campo semântico significativo para o registro cultural da sociedade guaporense, pois elas representam elementos culturalmente construídos que revelam a visão de mundo e apresentam fatores que contribuem na identificação de marcas identitárias culturais de uma sociedade.

A pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvida com base nos princípios teóricos e metodológicos da Semântica de Contextos e Cenários, proposta por Ferrarezi (2010) e do Manual de História Oral, publicado por Alberti (2005) e foi caracterizada pela obtenção de depoimentos e de testemunhos de pessoas que residiram em comunidades quilombolas do Vale do Guaporé.

As matrizes teóricas que fundamentaram as análises dos dados da pesquisa de campo foram constituídas pelos estudos de: Delgado (2006), que discute sobre a

---

3

Couto (2009) define ecossistema como: “[...] o conjunto formado pelos seres vivos e seu meio ambiente, considerados como um todo e suas interrelações.”



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

relação entre história, tempo, memória e identidades como processos interligados; Teixeira & Fonseca (2001), cujo trabalho registra a história das comunidades quilombolas no Vale do Guaporé; Sardinha (2007), que concebe a metáfora como um instrumento para criar novo conhecimento ou para dar conta de algo novo na ciência ou no cotidiano; Ferrarezi Jr. (2008 e 2010), que propõe uma teoria que relaciona metáfora e cultura, afirmando que os sentidos são sempre construídos em função do conjunto de informações culturais do falante e de sua comunidade; Silva (2009), que apresenta as concepções de Stuart Hall e Kathryn Woodward sobre identidade e diferença na perspectiva dos estudos culturais entre outros.

A descrição e análise dos dados coletados foram feitas a partir de fragmentos dos depoimentos em que foram encontradas metáforas, priorizando-se os aspectos semântico-lexicais relacionados com as marcas identitárias. Nessa direção, focalizamos a aplicação, o contexto do registro, os sentidos atribuídos pelos entrevistados e as funções de uso das metáforas identificadas.

Dessa forma, o estudo das metáforas evidenciadas na fala desses remanescentes de quilombos contribuirá para a pesquisa linguística, apresentando fatores que influenciaram no processo (re)constituição da identidade cultural guaporense. Em suma, pretendemos oferecer subsídios a pesquisadores da área, incentivar novas pesquisas envolvendo essa temática e servir como base de informação à sociedade em geral, mostrando a luta dos remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé para preservação da história, memória, cultura e identidade.

## **2 ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS DO VALE DO GUAPORÉ**

Para compreendermos melhor o cenário da pesquisa, realizamos uma breve caracterização do Vale do Guaporé, priorizando-se a descrição de alguns aspectos



## Revista Igarapé Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

relacionados à sua constituição, tais como: o processo de colonização e povoamento da região guaporense; localização geográfica e principais comunidades quilombolas; ancestralidade e religiosidade da população negra do Vale do Guaporé e alguns aspectos linguísticos.

### 2.1 Aspectos históricos e geográficos

O processo de colonização e povoamento da região do Vale do Guaporé ocorreu num contexto de conquista e posse de terra entre as colônias portuguesa e espanhola, o que levou os países envolvidos à assinatura do Tratado de Madri<sup>4</sup>, em 1750. Sobre essa disputa, Teixeira & Fonseca (2001, p. 55-56) afirmam que:

A posse definitiva da região só seria garantida a partir da efetivação do princípio defendido por Alexandre de Gusmão, o *uti possidetis*. (A posse da terra é garantida a quem a ocupa). Ao se criar a Capitania de Mato Grosso, tinha-se a clara necessidade de se aparelhar as fronteiras com recursos humanos, bélicos e uma rota comercial.

Dessa maneira, a coroa portuguesa deu início à colonização do Vale do Guaporé com a finalidade de efetivar a posse do novo território e defender as suas fronteiras de possíveis invasões espanholas. Em virtude disso, os negros foram trazidos

---

<sup>4</sup> Em 1494, as coroas espanhola e portuguesa, assinalaram o Tratado de Tordesilhas. Entretanto, os limites de exploração colonial, primordialmente, estabelecidos pela assinatura desse Tratado foram invalidados no período em que Espanha e Portugal estiveram unidos por meio da União Ibérica (1580-1640). No decorrer desse período, o desenvolvimento de várias atividades, como por exemplo, o bandeirantismo e as missões jesuítas, contribuíram para que os colonizadores violassem os limites estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas. Assim, para resolver o problema, os dois reinos ibéricos decidiram utilizar um novo critério (isto é, o tratado de Madri) para tratar dos limites territoriais – que não causasse nenhuma perda para os envolvidos.



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

do continente africano para servirem como mão de obra escrava<sup>5</sup>, satisfazendo, assim, a ambição dos exploradores na busca de recursos naturais, como por exemplo, a exploração do ouro.

Conforme Teixeira & Fonseca (2001, p. 61), nos últimos trinta anos do século XVIII, a produção das minas do Guaporé entrou em decadência e a região passou por um processo de descolonização, permanecendo no local apenas os negros. Essa informação também é confirmada por Teixeira & Amaral (2009, p. 115):

Com o esgotamento das minas auríferas da Bacia do Guaporé, a Coroa Portuguesa abandona a região, deixando aos negros a responsabilidade de proteger a região conquistada. Dessa forma, os negros tornam-se os senhores do Guaporé e a região passa a ser reconhecida pelo Estado do Brasil como uma terra de pretos.

Vale ressaltar que antes de a região ser reconhecida como uma terra de negros imperava no Brasil Colônia o regime de escravidão, o qual contribuiu para que o Vale do Guaporé fosse refúgio de negros rebelados e dos demais negros cativos, que após serem abandonados à própria sorte por seus senhores, tornaram-se donos de seus destinos, juntando-se aos quilombos<sup>6</sup>. Sobre esse aspecto, Teixeira & Fonseca (2001, p. 81) relatam que os negros eram:

Vítimas de abusos de toda sorte, vivendo no Vale do Guaporé, um verdadeiro inferno, sujeitados a maus tratos, castigos e suplícios, perseguidos e mortos ou vendidos pelos indígenas aos castelhanos, os negros do Guaporé buscavam também, por formas diversas, escapar às angústias do cativo que os atormentava. Suas atitudes em busca de melhores condições de vida, chegaram à medidas de rebeldia que exigia extrema coragem e vigor. Os escravos do Vale do Guaporé construíram assim uma história de lutas e

---

<sup>5</sup> De acordo com Teixeira (2004, p. 31): “A posse da região só pôde ser efetivada a partir da introdução da mão de obra escrava de procedência africana. A escassez de povoadores brancos e livres, em geral, determinou o contínuo sub-povoamento do Vale do Guaporé.”

<sup>6</sup> Para Amaral & Angenot (2009, p. 99): “[...] ‘associação guerreira’ em que se abrigavam escravos fugidos.”



## Revista Igarapé

### Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

resistência à escravidão, que deixou marcas na colonização desse rio, perceptíveis até os dias atuais.

Nesse cenário, era comum a resistência escrava, que culminava em fugas e formação de quilombos. Conforme Mendes *apud* Mendes (1999, p. 82): “[...] muitos negros já viviam livremente no vale do belo rio, talvez beneficiados pela grande distância, que dificultava a ação dos caçadores de escravos.” Outro aspecto que contribuiu para a ocorrência das fugas foi, conforme Mendes (1999), a biodiversidade existente no Vale do Guaporé: “Farto de caça e pesca, e dotado de excelentes terras para agricultura, o Guaporé tornou-se o verdadeiro paraíso dos homens que ansiavam pela liberdade e que tinham coragem bastante para conquistar essa liberdade a qualquer preço.” (MENDES *apud* MENDES, 1999, p. 82).

Naquela época, às margens do rio Guaporé, foram construídos alguns fortes e fortalezas. Como por exemplo: Vila Bela da Santíssima Trindade – capital e sede administrativa da Capitania do Mato Grosso e o Real Forte Príncipe da Beira entre outros. Também às suas margens, várias comunidades foram fixadas. Entre elas, as comunidades quilombolas, as quais se instalaram ao longo deste rio e de seus afluentes<sup>7</sup>.

De acordo com Teixeira & Fonseca (2010, p. 11):

Essas comunidades caracterizaram-se como comunidades rurais, com exceção de Vila, e estiveram ligadas a uma produção econômica voltada para o extrativismo de poaia, borracha, castanha e pescado ou para agricultura de subsistência que teve na mandioca seu mais expressivo produto, muito embora outros produtos como a cana-de-açúcar, o café, algodão, frutas, além de milho e feijão tenham sido relevantes e, mesmo, servindo como excelentes comercializáveis em alguns momentos da vida dessas populações.

---

<sup>7</sup> Conforme Oliveira (2005, p. 156): “Os principais afluentes do rio Guaporé, na margem direita, lado brasileiro, são os rios Galera, Sararé, Piolinho e Guaritê, em território do estado de Mato Grosso, e os rios Cabixi, Corumbiara, Verde, Mequéns, Cabixi, Massaco, Branco, São Miguel, São Domingo e Cautário, em território rondoniense.”

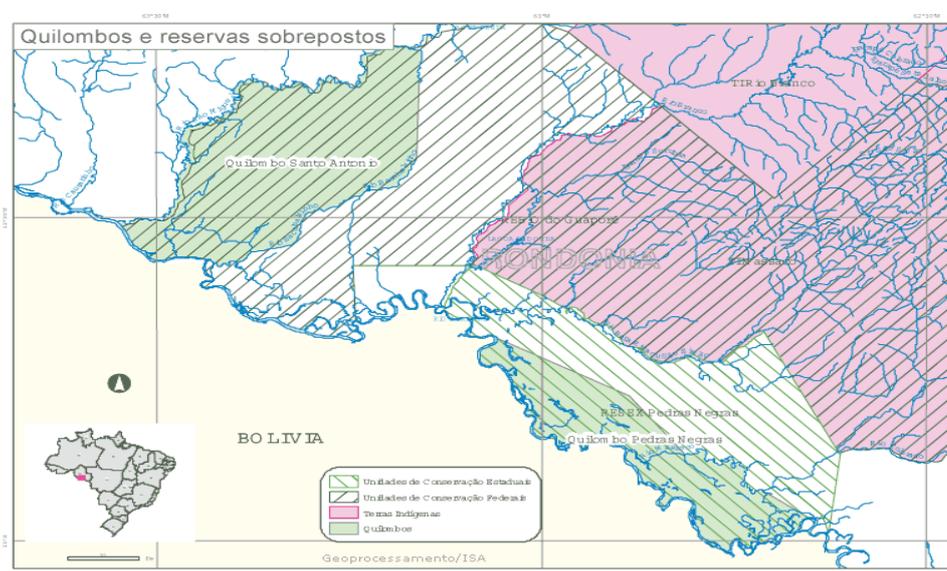
## Revista Igarapé

### Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Em suma, a sociedade negra do Vale do Guaporé formou vários ajuntamentos de quilombos. O quilombo mais conhecido, sem dúvida, foi o quilombo do Quariterê (ou Piolho). Esse se manteve ativo por aproximadamente meio século. De acordo com Gomes (2012, p. 65), esse quilombo possuía um parlamento e um conselheiro para a rainha. Tratava-se da “Rainha Tereza de Benguela” que com a morte de José Piolho, seu esposo, assumiu a chefia do quilombo.

Outros importantes quilombos do Vale do Guaporé foram: Santa Fé, Pedras Negras, Forte Príncipe da Beira, Santo Antônio do Guaporé, Comunidade de Jesus, Galera, Galerinha, Limeira, Renascença do Guaporé, Ilha da Independência e Pau D’óleo entre outros.

De acordo com Teixeira & Fonseca (2001), esse notável campo geográfico da Amazônia abrange terras hoje pertencentes ao Mato Grosso, Rondônia e Bolívia, conforme podemos observar mais detalhadamente no mapa do Instituto Socioambiental logo abaixo:



Fonte: [http://www.socioambiental.org.br/nsa/mapas/img/map\\_28102005.gif/mapa](http://www.socioambiental.org.br/nsa/mapas/img/map_28102005.gif/mapa)



## Revista Igarapé Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Atualmente, a região passa por processos de regularização envolvendo as terras das comunidades quilombolas. O acesso ao Vale do Guaporé pode ser feito, além da rota fluvial, através da BR-429, que liga os municípios: Alvorada do Oeste, São Miguel do Guaporé, Seringueiras, São Francisco do Guaporé e Costa Marques.<sup>8</sup>

Conforme Mendes (2008), algumas comunidades enfrentam sérios problemas relacionados à demarcação e certificação definitiva de seus territórios:

Os guaporeanos remanescentes dos antigos núcleos de povoadores foram relegados à condição de intrusos dentro de sua própria terra, muitos sendo compelidos a migrar para outras regiões do Estado para escapar à penúria imposta pelas restrições governamentais. Depois de alguns anos de absoluto abandono, afinal o povo guaporeano foi lembrado pelo governo petista para ser contemplado com políticas de inclusão inseridas na Constituição Federal há vinte anos. Além do atraso de uma geração, a medida governamental vem eivada de equívocos em relação aos redutos quilombolas do Guaporé. (MENDES, 2008, p. 1).

Sobre esse aspecto, Teixeira & Amaral (2009, p.125), afirmam que as comunidades de remanescentes de quilombos estão sofrendo pressões do IBAMA, dos fazendeiros, madeireiros, garimpeiros e colonos da região que têm interesse nas terras ocupadas por essas comunidades.

Em relação aos aspectos naturais, o Vale do Guaporé é constituído por uma rica biodiversidade e belezas naturais extraordinárias. Conforme Teixeira & Fonseca (2001, p.28): “[...] o vale do Rio Guaporé possui uma topografia de rara beleza, marcada pela presença de planícies onduladas e alagadiças, onde se multiplicam as praias de areias muito finas e brancas.” Notavelmente, uma região de natureza exuberante, onde há um favorecimento natural para a formação de comunidades às margens do seu rio.

---

<sup>8</sup> Fonte: <http://www.br429.net/>



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Quanto ao relevo, os autores referidos descrevem que: “O relevo da região é constituído por uma extensa base sedimentar, na qual se destacam as Serras dos Parecis e Pacaás Novos.” (TEIXEIRA & FONSECA, 2001, p. 28).

Outro aspecto que destacamos do Vale do Guaporé é sua hidrografia, a região é cortada pelo rio Guaporé, que juntamente com o rio Mamoré servem como linhas de limite entre o Brasil e a Bolívia. Sobre o primeiro rio, Teixeira & Fonseca (2001, p. 28-29) descrevem:

[...] que nasce na extremidade setentrional as Serra dos Parecis em Mato Grosso, forma uma sub-bacia hidrográfica que se integra a grande bacia amazônica através da união do Guaporé com o Mamoré, que é um dos formadores do Madeira, um dos grandes afluentes do Amazonas pela margem direita.

Vale destacar que o rio Guaporé tem um curso total de 1.716 km, dos quais 1.500 km são plenamente navegáveis<sup>9</sup>, aspecto que contribuiu, significativamente, no processo de colonização e desenvolvimento do Vale do Guaporé. Suas rotas fluviais fortaleceram a política mercantilista portuguesa, uma vez que, por elas, a produção do ouro no Vale do Guaporé chegava à capitania do Mato Grosso, antes de sua decadência nos últimos anos do século XVIII. Além disso, essas rotas também favoreceram o abastecimento da região com produtos que vinham de fora<sup>10</sup>.

## 2.2 Aspectos socioculturais

A definição da origem dos negros do Vale do Guaporé apresenta fatores imprecisos, tornando-se, assim, difícil sua identificação. Os escravos trazidos do

---

<sup>9</sup> Conforme Teixeira & Fonseca (2001).

<sup>10</sup> De acordo com Teixeira & Fonseca (2001, p. 64) eram transportados: “[...] escravos, tecidos, utensílios domésticos, armas e munições, gêneros alimentícios como sal, açúcar, vinhos, queijos e carnes, papel, materiais para construção, objetos para culto e celebrações religiosas, objetos para mineração e muitos outros.”



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

continente africano para o Vale do Guaporé eram pertencentes a diferentes etnias e, ao chegarem naquela região, formaram um ecossistema multiétnico.

Segundo Mendes (1999, p. 88-89):

A ausência de qualquer estudo específico mais aprofundado em relação às origens tribais dos negros que habitam a região do Guaporé, como em geral ocorre a nível nacional, impossibilita qualquer afirmativa segura e abalizada a respeito do assunto.

[...] na medida em que houve uma natural miscigenação intertribal na região, é possível estabelecer que a grande maioria da população negra do Guaporé tem origens, genericamente falando, sudanesa, bantu, zulu, congoleza, senegalesa, bem como outras origens tribais em maior ou menor escala.

Além da população negra, a sociedade do Vale do Guaporé foi composta por nordestinos, índios, mestiços, europeus e outros. Ela era uma sociedade mercantilista e escravocrata, organizada na seguinte pirâmide social:

A sociedade guaporeana formava-se a partir de uma complexa gama de extratos sociais, tendo ao topo a elite branca encabeçada pelos governantes e seus auxiliares diretos, além dos ricos proprietários de lavras, sesmarias e grandes comércios. As camadas medianas compunham-se de pequenos e médios comerciantes, proprietários de plantéis reduzidos de escravos e donos de pequenas lavras. A seguir encontravam-se os homens pobres livres, geralmente trabalhando como autônomos em regiões de mineração franqueadas a todos, ou ainda cultivando pequenas roças ou mesmo integrando expedições sertanistas para busca de ouro e índios. Por fim, na base da pirâmide social encontravam-se os escravos tanto índios quanto negros. (TEIXEIRA & FONSECA, 2001, p. 73-74).

Dessa forma, sem a intervenção da coroa portuguesa, a relação senhores/escravos era, particularmente, marcada por várias atrocidades humanas, como por exemplo: maus tratos, castigos, suplícios, perseguições e mortes. Assim, como

forma de resistência e luta contra os atroztes, os escravos africanos fugiam e formavam os quilombos<sup>11</sup> – em busca de melhores condições de vida.

Sobre a escravidão no Vale do Guaporé, acrescentamos, ainda, o aspecto religioso. Oficialmente, no contexto da escravidão, a religião era marcada pelo cristianismo. “A família escrava, no Vale do Guaporé, estruturou-se em seus aspectos mais gerais a partir do modelo tradicional da família cristã portuguesa [...]” (TEIXEIRA & FONSECA, 2001, p. 80).

Naquela época, as tradições cristãs eram impostas aos escravos, pois as práticas religiosas africanas eram proibidas por seus senhores, contudo, muitos escravos mesclavam alguns ritos africanos com práticas cristãs. Nesse sentido, vale ressaltar que, apesar da influência da religiosidade de raízes africanas, a religião que prevaleceu no Vale do Guaporé foi o catolicismo. Tal afirmação baseia-se nas afirmações de Teixeira & Fonseca (2001), os quais confirmam que a religião dos escravos guaporenses, como de toda a colônia portuguesa, foi o catolicismo imposto pelo próprio colonizador. De fato, podemos identificar nessa comunidade tradicional do campo da Amazônia guaporense algumas marcas identitárias relacionadas à religião cristã. Tais como: devoção ao Divino Espírito Santo, a São Benedito, a São Pedro, a São João entre outros. Conforme Teixeira & Fonseca (2010, p. 11):

As festas do Divino e de São Benedito possibilitam aos negros um mecanismo cultural de resistência à dominação dos senhores, ensejando possibilidades de criação de espaços de afinidades étnicas, que garantissem um mínimo de identidade e independência a seus participantes.

---

<sup>11</sup> Conforme Teixeira & Fonseca (2010, p. 14): “O aquilombamento foi, por excelência, o elemento mais notável e permanente nos procedimentos de resistência à escravidão”.



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Dessa forma, várias festas religiosas dos negros guaporenses estão relacionadas ao catolicismo e aos elementos religiosos que o constituem, contribuindo, assim, para (re)constituição da identidade cultural dos remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé.

### 2.3 Aspectos linguísticos

O Vale do Guaporé foi constituído por inúmeros falares, consequência do processo de miscigenação ocorrido entre os habitantes que o colonizaram. Nessa perspectiva, histórica e geográfica, os elementos linguísticos são constituídos pela multiculturalidade, formando um ecossistema linguístico favorável ao contato de línguas<sup>12</sup>.

Esse cenário marcado pelo contato de línguas influenciou a linguagem da população guaporense. Assim, nesse ambiente marcado pelo multilinguismo, os escravos africanos assimilaram traços linguísticos indígenas, espanhóis e portugueses entre outros.

O léxico dessas línguas<sup>13</sup> influenciou o léxico dos africanos do Vale do Guaporé. Assim sendo, esses sujeitos guaporenses utilizavam palavras desses léxicos para fazerem representação de coisas do seu cotidiano. Conforme Ferrarezi Jr. (2008, p. 73): “A representação é a principal função das línguas naturais. É através da representação que a língua permite a interação entre os homens.” Nesse sentido, os

---

<sup>12</sup> Para Couto (2009, p. 178): “Contato de línguas é um tipo de interação, só que uma interação em que falante e ouvinte têm sistemas linguísticos diferentes.”

<sup>13</sup> Indígena, espanhola, portuguesa entre outras.

remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé construíram suas representações a partir de sua visão de mundo e de suas experiências vividas nos diferentes campos sociais<sup>14</sup>.

Dessa forma, a partir desses vocábulos introduzidos ao seu léxico, esses sujeitos guaporenses criavam algumas peculiaridades lexicais, associando às palavras emprestadas, sentidos costumeiros<sup>15</sup> e não-costumeiros. Pois,

[...] os sentidos que as palavras têm não são propriamente delas, mas os falantes é que associam esses sentidos às palavras. Isso, além de mostrar como a língua funciona na prática, mostra o poder que os falantes têm de dar às palavras outros sentidos que elas não parecem ter costumeiramente. (FERRAREZI Jr., 2008, p. 37).

Assim, atribuindo outros sentidos não-costumeiros às palavras emprestadas, esses falantes criavam metáforas ou expressões metafóricas para facilitar os sentidos de sua representação. Conforme Ferrarezi (2007, p. 201): “[...] é uma das funções das metáforas: suprir a necessidade de expressar sentidos para os quais não há expressões específicas e costumeiras na língua.”

No entanto, apesar de, no Vale do Guaporé, os elementos linguísticos e culturais serem constituídos pela multiculturalidade, formando uma sociedade heterogênea, a maioria da população era escrava<sup>16</sup>. Desse modo, os escravos africanos não somente sofreram influências linguísticas de outras línguas, mas também, difundiram seus falares. Sobre esse aspecto, Couto (2009, p. 75) afirma que: “[...] devido a esse intenso contato de línguas que os falantes de português tiveram com essas

---

<sup>14</sup> Conceito proposto por Pierre Bourdieu, que caracteriza os campos sociais como espaços constituídos por posições sociais, as quais são determinadas pelas relações de poder existentes entre os diferentes agentes sociais envolvidos. (SILVA, 2000, p. 23)

<sup>15</sup> Segundo Ferrarezi Jr. (2008, p. 37): “Existe, em cada cultura, porém, um uso mais comum para cada palavra. Esse uso comum faz com que um sentido costumeiro seja associado àquela palavra. [...] Mas o fato de a palavra ter um sentido costumeiro não implica que esse seja seu único sentido.”

<sup>16</sup> De acordo com Couto (2009, p. 74): “Os de origem bantu sempre predominaram, perfazendo acima de 50% dos escravos.”



## Revista Igarapé Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

línguas, ficaram alguns resquícios de lexias de origem bantu no português brasileiro em geral.” Para Kempf (2009, p. 133):

[...] é inegável a importância da contribuição africana à formação do léxico brasileiro, apesar dos esforços de alguns linguistas e filólogos que se empenharam em procurar “raízes tupi” ao ponto de “tupinizar” palavras africanas (exemplos em Câmara Cascudo: mocotó, cotó, e outros).

Esse contato de línguas influenciou o léxico do português brasileiro. Nesse contexto, o empréstimo linguístico está, particularmente, relacionado com a formação do léxico de uma língua. Conforme Ilari & Basso (2011, p.137): “O enriquecimento do vocábulo através de empréstimos é atestado desde as épocas mais antigas.” Dessa forma, a integração de lexias de origem bantu demonstra a importância da língua dos escravos africanos. Palavras como: ‘angu, bagunça, banguelo, bozó, bunda, cabaço, cachaça, calango, capanga, careca, fuzuê, massapé, mataco, mulambo, pataca, quitanda, quizimbo, suruba, suruma’<sup>17</sup> entre outras, já fazem parte do nosso léxico.

### 3 METÁFORA E CULTURA

Sardinha (2007) define metáfora como uma transferência de sentido de uma coisa para outra. Essa definição pode ser associada à ideia de Ferrarezi Jr. (2008), que concebe a metáfora como uma operação de cruzamento ou deslocamento de sentidos entre paradigmas culturais<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Lexias de origem bantu já aceita por vários pesquisadores, conforme Kempf (2009, p. 138-139), no artigo: Os brasileirismos de “origem desconhecida” e as lexias e expressões de origem africana num levantamento do léxico de ‘nordestinos pioneiros em Guajará-Mirim.

<sup>18</sup> Conforme Ferrarezi Jr. (2008, p. 202) na oração: “Na terra escura da noite, as estrelas são sementes.” Temos aqui a presença de dois paradigmas culturais bem distintos, representados por: 1. terra e semente (que diz respeito às coisas do campo, da agricultura) e 2. estrelas e céu – subentendido em noite (que diz respeito aos fenômenos naturais ligados aos astros e seus movimentos, as coisas do céu). Então, podemos ver que há dois conjuntos de coisas bem diferentes, dois paradigmas que estão sendo cruzados.



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Sabe-se que a linguagem humana é permeada por metáforas. A metáfora é um recurso essencialmente humano. Conforme Sardinha (2007, p. 16): “As metáforas são um recurso natural de qualquer língua.” Sobre esse aspecto, Sardinha *apud* Gibbs (2007, p.11) também afirma que: “[...] a metáfora é para gente como a água é para os peixes: está em toda parte.” Outro fenômeno comum referente à língua, é a economia linguística – a tendência o menor esforço. Este fato também está relacionado com o estudo das metáforas.

De acordo com Ferrarezi Jr. (2010, p. 172), “Por serem sistemas econômicos, as línguas optam por usar uma mesma unidade para muitos sentidos ao invés de criar mais de uma unidade para o mesmo sentido”. Assim, quando um falante ou uma comunidade linguística emprega uma palavra com sentido metafórico, construirá outros sentidos não-costumeiros à sua aplicação usual. Nessa perspectiva, conforme Ferrarezi Jr. (2009), o sentido será construído pelo conjunto de informações culturais do falante e de sua comunidade.

A partir dessas concepções, destacamos que as metáforas ou expressões metafóricas são culturais. Elas constituem um campo semântico significativo para o registro do desenvolvimento cultural de um grupo social, pois representam elementos culturalmente construídos, os quais revelam a visão de mundo de uma determinada comunidade e, conseqüentemente, contribuem para identificação de marcas identitárias culturais, uma vez que o sentido da metáfora está relacionado à nossa formação cultural.

Sobre a relação entre metáfora e cultura, Ferrarezi Jr. (2010) afirma que a identificação da metáfora é feita através do conhecimento da cultura na qual a língua está inserida. Sendo assim, se não tivermos nenhum conhecimento da cultura do falante, não podemos estabelecer relações de sentidos entre a metáfora ou expressão metafórica aplicada aos elementos representados. Conforme Ferrarezi Jr.(2008, p. 208):

“As metáforas podem mudar de sentido de lugar para lugar, de cultura para cultura, de grupo social para grupo social.”

Além disso, o autor também destaca a importância da metáfora na constituição das identidades dos sujeitos, enfatizando que: “[...] a metáfora acaba se tornando um importantíssimo recurso de registro (e de compreensão) da visão de mundo de uma comunidade.” (FERRAREZI JR., 2008, p. 203). Nessa perspectiva, o estudo das metáforas como um elemento cultural sempre contribuirá para o reconhecimento de algumas marcas identitárias, o que inclui os remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

### 4.1 Caracterização dos informantes

Os critérios utilizados para seleção dos informantes foram definidos a partir da amostragem aleatória, observando-se, particularmente, a naturalidade guaporense, a faixa etária de homens e mulheres com mais de 60 anos de idade, residentes na zona urbana do município de Guajará-Mirim<sup>19</sup>. Nesta fase da pesquisa, foram entrevistados cinco informantes, a saber: três homens e duas mulheres. A seguir, apresentamos um quadro com uma síntese do perfil dos informantes da pesquisa:

| Informante | Sexo | Idade | Naturalidade              | Atual Moradia        | Tempo no Vale do Guaporé |
|------------|------|-------|---------------------------|----------------------|--------------------------|
| Nº 1       | M    | 65    | Rolim de Moura do Guaporé | Distrito de Surpresa | + de 30 anos             |
| Nº 2       | F    | 89    | Limeira do Guaporé        | Guajará-Mirim        | + de 40 anos             |
| Nº 3       | M    | 64    | Renascença do Guaporé     | Guajará-Mirim        | + de 10 anos             |

<sup>19</sup> Com exceção do Informante nº 1 que atualmente reside no Distrito de Surpresa, mas periodicamente vem ao município de Guajará-Mirim.



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

|      |   |    |  |               |              |
|------|---|----|--|---------------|--------------|
| Nº 4 | F | 84 | Ilha da Independência (perto de Rolim de Moura do Guaporé) | Guajará-Mirim | + de 20 anos |
| Nº 5 | M | 70 | Ipiranga (no rio Mequns)                                  | Guajará-Mirim | + de 60 anos |

#### 4.2 Procedimentos metodológicos da pesquisa

A aplicação dos procedimentos metodológicos da História Oral foi favorável para os resultados da pesquisa como condição epistemológica e social de reconstituo das memórias e das identidades das populações guaporenses. Além disso, a memória foi elemento fundamental para o estudo das metáforas presentes na fala dos remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé.

Conforme Delgado (2006, p. 16):

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o se humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram a sua vida.

As histórias de vidas são singulares. Contudo, são essenciais para a reconstituo da memória e da identidade coletivas. De acordo com Delgado (2006, p. 71): “A memória é suporte vital das identidades reveladoras da pluralidade inata  vida humana.”

Nessa perspectiva, no registro de depoimentos dos remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé, realizado no período de janeiro a março de 2013, no município de Guajará-Mirim/RO, trabalhamos a partir da observação dos diálogos no



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

contexto familiar, conversas informais e gravação de histórias orais de vida.

Vale ressaltar que, nessa fase da pesquisa, procuramos apresentar aos entrevistados temáticas relacionadas ao cenário guaporense, visando a favorecer a reconstituição das experiências vividas por eles nas comunidades quilombolas; procurando conhecer os saberes, as singularidades, as práticas socioculturais entre outras coisas, visando à identificação das metáforas. Além disso, trabalhamos na perspectiva de que, identidade, representações e memórias são aspectos que se relacionam.

Conforme Delgado (2006, p. 62):

Identities, representações e memórias encontram-se inter-relacionadas. Por meio da memória, as comunidades e os indivíduos podem, por exemplo, regastar identidades ameaçadas e construir representações sobre sua inserção social e sobre sua cultura.

Portanto, a reconstituição da memória dos remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé foi fundamental para o reconhecimento de suas singularidades, representações e, conseqüentemente, de algumas marcas identitárias culturais.<sup>20</sup>

### 4.3 As metáforas identificadas

Após o registro e análise dos dados das entrevistas<sup>21</sup>, identificamos o uso de metáforas na fala dos remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé. Para exemplificar a ocorrência das metáforas, apresentamos, abaixo, alguns fragmentos das entrevistas, enfatizando a aplicação das metáforas identificadas.

---

<sup>20</sup> “A memória é base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas.” (DELGADO, 2006, p. 38).

<sup>21</sup> Na análise dos dados da pesquisa, priorizamos os aspectos semântico-lexicais com base nos pressupostos de Ferrarezi Jr. (2008) e Ferrarezi Jr. (2010).

**a) Caracterização:** Vi ela. Ela tá “acabadinha”; Menino com a “boca suja” como tem hoje era difícil [...]; Ali era o “inferno”. Tinha: onça, sucuri, carapanã [...]; E eu já conhecia né rapaz – sou “macaco velho”; [...] e ela ficou ai com essa “cara de bunda”; Lá pra cima eu conheci nego que era uma “onça” pra comer.

**b) Caracterização/Deboche:** [...] Aí minha mãe disse praquela vizinha que xingou ela: é melhor ser preta do que ser uma “macaxeira descascada”; [...] E você tem “cara de surubim”.

**c) Deboche:** [...] Você chama esse “angu” de comida.

**d) Ênfase:** Aí foi quando o povo “acordou”; Aquele ali era “azul”; Aí que a bicha estava “engrossando” mesmo; Eu sou uma “liderança” dentro de minha comunidade; Meu pai nasceu em Rolim de Moura. “Filho” do Guaporé mesmo; Eu sou “firmado” mesmo como técnico agrícola.

**e) Humor:** Parece que esse menino tem “minhoca” na cabeça; [...] Chegaram lá o pessoal não tinha nem gosto de ir pra festa. Tavam só o “endereço”; Deixa a vovó olhar essa “minhoca” pra ver se tá cheirosa; [...] Não deu meia hora minha barriga começou a “desmanchar”; Quando eu saí do carro já começou a “despejar” lá dentro do carro.

**f) Informação:** Bala de vinte e dois não chegava nem na “casca” do búfalo; Aquele comandante da CNG gostava de “mijar” um nego; Minha profissão desde que eu me entendi “por gente” é agricultor; Pinga é “veneno” de fígado; As crianças eram “difícil”.

**g) Ofensa:** Este “cabeça de mamão macho” não vale nada; Fulano é um “animal”.

#### 4. 4 As marcas identitárias culturais



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Fundamentados nas narrativas dos cinco informantes da pesquisa, realizamos um diagnóstico, a partir da identificação das metáforas evidenciadas em suas falas. Dessa forma, alguns elementos representados e os sentidos construídos pelos informantes às metáforas, possibilitaram o reconhecimento de algumas marcas identitárias culturais. Para exemplificar, apresentaremos alguns fragmentos abaixo, nos quais serão destacadas as seguintes marcas identitárias:

**a) Ancestralidade:** No fragmento abaixo, o informante 3 fala sobre a ancestralidade de sua família e para caracterizar o seu avô ele utiliza a expressão metafórica “mão de pinche”.

Minha família é Canuto Gomes. [...] O meu avô era descendente de escravo. Meu bisavô era escravo (ele era africano mesmo)... Meu avô já não era escravo... Ele era bem pretinho. Pretinho, pretinho... Não pegava uma “mão de pinche”. Morreu com 99 anos. Faltava um mês para completar 100 anos. (Informante nº 3).

Nesse contexto, a expressão é aplicada às pessoas negras com o sentido de ter a cor da pele tão preta a ponto de ser impossível passar uma tinta dessa cor nela. Pelo contexto, compreendemos que o informante faz referência à sua ancestralidade africana. Ele a reconhece por meio de antecedentes históricos. Conforme Woodward (2009, p. 11): “Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos.”

Essa narrativa também revela traços culturais africanos da comunidade quilombola, reconstituídos a partir da reconstituição da memória e do reconhecimento de sua ancestralidade. Segundo Mendes (1999, p. 93): “O negro do Guaporé foi sempre um homem fiel a suas raízes, cioso dos seus domínios e consciente da sua raça e da sua

origem.”

**b) Religiosidade:** A religião dos remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé está, particularmente, marcada pelo catolicismo.

[...] Batizava... Pega a criança... Bota na mão da madrinha e do padrinho e bota água: Eu te batizo em nome do Pai do Filho do Espírito Santo. Amém.  
[...] Butando a água fazendo a “cruz” na cabeça. Pouquinha água. [...] Batizava porque não queria ter em casa filho pagão. (Informante nº 2).

A palavra usada com sentido metafórico no fragmento acima é “cruz”<sup>22</sup>. Essa palavra representa um símbolo do cristianismo e tem o sentido de sinal da cruz (uma expressão gestual da reza católica). O sentido atribuído pela informante nº 2 a esse elemento simbólico releva a sua religiosidade. Conforme Woodward (2009, p. 9): “A identidade é marcada por meio de símbolos [...]”. Nesse sentido, a cruz funciona como um importante símbolo do cristianismo que contribui para a (re)constituição das marcas identitárias culturais guaporenses.

Além dessa metáfora identificada no fragmento acima, outras também contribuem para o reconhecimento da religiosidade dos remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé. Tais como: “[...] Aquele ali era o ‘diabo’ em pessoa meu filho.” (Informante nº 4) e “[...] Ali era o ‘inferno’. Tinha: onça, sucuri, carapanã [...]” (Informante nº 5). No primeiro, o sentido atribuído pelo informante 4 é: “pessoa mau, astuta, sagaz, que prejudica e faz maldade a outras pessoas”. E no segundo, o sentido é: “lugar de sofrimento por causa dos animais perigosos”. Em suma, ambos os sentidos estão relacionados com o cristianismo.

---

<sup>22</sup> Na verdade, aqui a palavra “cruz”, está mais para uma metonímia do que para uma metáfora propriamente dita, embora saibamos que as metonímias são subtipos de metáforas. Conforme Ferrarezi Jr. (2008), a metonímia é um tipo de metáfora. “A diferença marcante, entretanto, é que o deslocamento de sentidos, na metonímia, ocorre dentro do mesmo conjunto cultural, ou seja, dentro do mesmo paradigma, e não de paradigma para outro, como na metáfora.” (FERRAREZI Jr. 2008, p. 204).

**c) Cultura ribeirinha:** A palavra “dentro” usada pelos informantes: 5 e 2 com sentido metafórico, nos fragmentos abaixo, contribui para a identificação de mais um traço identitário dos remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé. O sentido atribuído pelo informante nº 5 diz respeito a uma localidade às margens do rio Mequens.

Nasci num lugar chamado Ipiranga. Dentro do rio Mequens... Fica afrente do rio Guaporé. Daí pra lá pra onde eu nasci pro rio Mequens... Daqui do Guaporé onde era o Guaporé mesmo... Surpresa, começa o Guaporé de primeiro. Depois passou para ser no Branco... Ai é a divisão... Onde entra o Mamoré [...] (Informante nº 5).

Esse sentido faz referência à identificação ribeirinha da comunidade quilombola. Conforme Amaral (2009 p.133): “Os rios da Amazônia podem representar muito mais que um referencial geográfico, podem revelar um significado maior, de um rio personificado que constrói memórias, [...]”. A relação homem/rio revela algumas singularidades da cultura guaporense e constitui um dos elementos marcantes no desenvolvimento e construção identitária.

Em relação ao segundo fragmento: “Morei dentro do Guaporé.” (Informante nº 2). O sentido atribuído pelo informante à palavra “dentro” é semelhante ao sentido dado pelo informante 5 e faz referência a um lugar ou localidade às margens do rio do Guaporé. Ambos os sentidos, revelam a estreita ligação entre o rio e a cultura guaporense. Pois, “O rio é tudo. Ele está intimamente ligado à cultura e à sua expressão simbólica” (LOUREIRO, 2001, p.126).

**d) Relação com a natureza:** A exuberância da natureza do Vale do Guaporé é retratada nos seguintes fragmentos: “Pelo amor de Deus minha filha! Esses seus meninos são uma arara.” (informante nº 2); “Bala de vinte e dois não chegava nem na casca do búfalo.” (Informante nº 5); “Eu disse pra ele: meu irmão eu não tenho casco de tracajá e

nem de jabuti e nem de tatu.” (Informante nº 5); “Lá pra cima eu conheci nego que era uma onça pra comer.” (Informante nº 1); “Pra lá o campo é rico rapaz. Tudo o que você pensar tem no campo.” (Informante nº 5); “[...] E você tem cara de surubim [...]” (Informante nº 2); “A mata era virgem. Tudo mata alta.” (Informante nº 3). Nesses fragmentos, os informantes utilizam elementos relacionados da rica biodiversidade da região guaporense para fazer representações. Esse aspecto é evidenciado, principalmente, através das expressões metafóricas, tais como: uma “arara”, “casca” do búfalo, “casco de tracajá, de jabuti e tatu”, “onça”, campo “rico”, “surubim”, e mata “virgem”.

Nessas representações se destacam elementos relacionados à fauna e à flora guaporenses e os seus sentidos contribuem para a constituição das identidades e das representações socioculturais. Conforme Silva (2009), a representação está intimamente ligada à construção de identidades. Nesse sentido, a representação metafórica através desses elementos, demonstra a íntima relação dos sujeitos guaporenses com a natureza dessa região, ligada a sua construção identitária.

e) **Territorialidade:** “Eu nasci num lugar aciminha de Costa Marques. Hoje lá é IBAMA... Limeira... Era um lugarzinho... Agora passou a IBAMA... IBAMA tem um casarão legal lá... (Informante nº 2).” A palavra com sentido metafórico nesse fragmento é “IBAMA” e foi utilizada pela informante 2 com sentido de território restrito, proibido, reserva florestal etc.

Nesse contexto, esse sentido atribuído pela informante aponta a identificação de sua territorialidade e o repúdio pela restrição à mesma. Conforme Teixeira & Fonseca *apud* Santilli (2010, p. 24): “[...] o território é uma das principais referências coletivas para as comunidades quilombolas, e assegurar o efetivo exercício de seus direitos territoriais é fundamental à sua sobrevivência física e cultural.”



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Portanto, identidade e territorialidade são elementos inseparáveis para esses sujeitos guaporenses.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das metáforas ou expressões metafóricas constituiu um campo semântico significativo para o registro do desenvolvimento linguístico e cultural dos remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé, pois possibilitou-nos um “mergulho” na cultura e linguagem guaporense. Além disso, esse recurso humano utilizado na fala desses sujeitos guaporenses representou elementos culturalmente construídos que revelaram a sua visão de mundo e, conseqüentemente, contribuíram para o reconhecimento de algumas marcas identitárias culturais.

Dessa forma, apesar de o Vale do Guaporé ser um ambiente onde as manifestações socioculturais e as identidades são constituídas na multiculturalidade e interculturalidade, foi possível reconhecer, a partir da identificação das metáforas ou expressões metafóricas evidenciadas na fala desses sujeitos guaporenses, algumas marcas identitárias culturais, tais como: a ancestralidade, religiosidade, cultura ribeirinha, relação com a biodiversidade e territorialidade.

Nesse contexto, a memória guaporense foi fundamental como elemento preservador de experiências e construtor de identidades. Nesse sentido a reconstituição da memória pode transformar-se numa fonte de pesquisa capaz de reconstituir as histórias submersas ou silenciadas pelo tempo. Além disso, pode oferecer subsídios, apresentando elementos que influenciaram no processo de (re)constituição das marcas identitárias linguísticas e culturais dos remanescentes de quilombos, mostrando, assim, a luta desses sujeitos para preservar a história, cultura e identidade guaporense.

## REFERÊNCIAS

Revista Eletrônica Igarapé- Nº 02, Setembro de 2013- ISSN 2238-7587  
<http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape>



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

AMARAL, Gustavo Gurgel do; ANGENOT, Jean-Pierre. *Quilombo e Remanescentes Quilombolas: uma discussão conceitual e legal*. In: AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do (Org.). *Multiculturalismo na Amazônia: o singular e o plural em reflexões e ações*. Curitiba: CRV, 2009.

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do (Org.). *Multiculturalismo na Amazônia: o singular e o plural em reflexões e ações*. Curitiba: CRV, 2009.

BASSO, Renato; ILARI, Rodolfo. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2011.

COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contatos de língua*. São Paulo: Contexto, 2009.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERRAREZI Jr., Celso. *Semântica para a Educação Básica*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

GOMES, Emmanoel. *História e Geografia de Rondônia: para ensino médio, concursos e vestibulares*. Vilhena/RO: Gráfica e Editor Express Ltda ME, 2012.

LOUREIRO, João Jesus Paes. *Obras reunidas. Poesia I*. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

KEMPF, Catherine Bárbara. *Os brasileirismos de "origem desconhecida" e as lexias e expressões de origem africana num levantamento do léxico de 'nordestinos pioneiros em Guajará-Mirim*. Guajará-Mirim: Universidade Federal de Rondônia, 2009. p. 123-140. Acessado no site: <http://www.abecs.net/ojs/index.php/papia/article/viewFile/38/63>

MENDES, Matias Alves. *Apologia da negritude*. São Paulo: Scortecci, 1999. 96p.

\_\_\_\_\_. *Vale do Guaporé: a questão quilombola*. Porto Velho: Jornal On line Gente de



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Opinião, 2008. Acessado no site: <http://www.gentedeopiniaio.com.br/lerConteudo.php?news=38143>

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo/SP. Parábola Editorial, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu Da (org.). Stuart Hall; Kathryn Woodward. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. *Campesinato negro de Santo Antônio do Guaporé: identidade e sustentabilidade*. Belém: NAEA/UFPA. Tese de Doutorado, 2004.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; AMARAL, Gustavo Gurgel do. *As populações negras da bacia do Guaporé: formação etno-histórica, espaço e natureza*. In: AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do (Org.). *Multiculturalismo na Amazônia: o singular e o plural em reflexões e ações*. Curitiba: CRV, 2009.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro da. *História Regional: Rondônia*. 2 ed. Porto Velho: Rondoniana, 2001.

\_\_\_\_\_. *Histórico das Comunidades de Remanescentes de Quilombo de Pedras Negras, Santa Fé, Forte Príncipe da Beira – Vale do Guaporé – Rondônia*. Vol. 2, N 1. Revista Eletrônica Afros e Amazônicos, 2010. Acessado no site: <http://www.gepiaa.unir.br/index>.